

Correio da Manhã

Director-- EDMUNDO BITTENCOURT

Impressão em papel da casa P. PRINIX & C. - Paris

ANNO X — N. 3432

RIO DE JANEIRO — SABBADO, 10 DE DEZEMBRO DE 1910

Redacção — Rua do Ouvidor, 162

NOVOS E GRAVISSIMOS ACONTECIMENTOS NA MARINHA

A guarnição do "scout" "Rio Grande do Sul" subleva-se, acompanhando-a o Batalhão Naval.

UM OFFICIAL ASSASSINADO, OUTROS MORTOS E VARIOS FERIDOS

Notas de ultima hora

A madrugada de hontem foi assignalada por um boato alarmante sobre a attitude que teriam tomado os marinheiros dos navios da esquadra, ao que se dizia disposto a um novo movimento de revolta contra as autoridades superiores.

Esse boato mereceu algum credito do governo, tanto assim que, horas depois, todo o litoral era guarnecido por forças de cavallaria e infantaria do Exército. Nos quartéis havia a mais rigorosa promptidão, bem como na policia civil.

Correia a noticia de que o contranço Minas Geraes tinha feito projecções de holofote e dado dois disparos e que o S. Paulo estava de fogos accendidos. Entretanto, essas noticias não ficaram apuradas.

Pouco depois, de um dos vasos de guerra ingleses ancorados no porto, atracou no "scout" e recebeu no seu bordo o cadaver do marinheiro e o official ferido.

A lancha tomou a direcção do caes Pharoux, sendo removidos, ferido e marinheiro, para o saguão da Policia Maritima.

Ali, pouco depois, chegou um auto e um medico da Assistencia Municipal, que nada mais pôde fazer.

O 1º tenente Carneiro da Cunha era cadaver já.

Os dois corpos foram immediatamente removidos para o Arsenal de Marinha.

O Batalhão Naval

Pouco depois sabia-se que o Batalhão Naval se revoltára, ficando somente ao lado dos officiaes cem praças.

As praças revoltadas sustentaram nutrido tiroteio contra a força destacada no Arsenal de Marinha, procurando depois seguir para os navios de guerra.

Dizia-se que os revoltados abriram as portas do presidio, dando liberdade aos sentenciados e tomando conta da arrecadação. Os rebeldes são em numero superior a 500.

Os officiaes que se achavam na ilha das Cobras, onde aquartela o Batalhão Naval, vieram para terra.

A ilha das Cobras tomada de assalto?

Dizia-se hoje, pela madrugada, que o governo resolvera tomar de assalto a ilha das Cobras.

O Exército, a Força Policia e demais corporações armadas estão derrogosa promptidão.

Quando se iniciou a revolta

O 2º tenente Antonio Alves Barata dormia no Batalhão Naval, quando ouviu uma gritaria infernal vinda das companhias.

Imediatamente, elle se levantou, armou-se e tomou um bote, indo saltar no caes das Mineiras.

Dali dirigiu-se ao 2º districto policial, onde se apresentou, muito pallido, contando o que occorreu.

Forte tiroteio

A 1 hora da madrugada, um forte tiroteio foi ouvido dos lados da ilha das Cobras.

No mar, a mesma coisa.

Um official e um marinheiro mortos

Não se sabe ainda como se deu a revolta a bordo do "scout" Rio Grande do Sul. O certo é que a marinhagem pegou em armas e um tiroteio forte foi ouvido.

Pouco depois, do Rio Grande era pedido um medico do S. Paulo, partindo dali o 1º tenente Francisco de Barros Pimentel, que encontrou morto um marinheiro e gravemente ferido o 1º tenente Francisco Xavier Carneiro da Cunha.

Uma lancha, de um dos vasos de guerra ingleses ancorados no porto, atracou no "scout" e recebeu no seu bordo o cadaver do marinheiro e o official ferido.

A lancha tomou a direcção do caes Pharoux, sendo removidos, ferido e marinheiro, para o saguão da Policia Maritima.

Ali, pouco depois, chegou um auto e um medico da Assistencia Municipal, que nada mais pôde fazer.

O 1º tenente Carneiro da Cunha era cadaver já.

Os dois corpos foram immediatamente removidos para o Arsenal de Marinha.

O Batalhão Naval

Pouco depois sabia-se que o Batalhão Naval se revoltára, ficando somente ao lado dos officiaes cem praças.

As praças revoltadas sustentaram nutrido tiroteio contra a força destacada no Arsenal de Marinha, procurando depois seguir para os navios de guerra.

Dizia-se que os revoltados abriram as portas do presidio, dando liberdade aos sentenciados e tomando conta da arrecadação. Os rebeldes são em numero superior a 500.

Os officiaes que se achavam na ilha das Cobras, onde aquartela o Batalhão Naval, vieram para terra.

A ilha das Cobras tomada de assalto?

Dizia-se hoje, pela madrugada, que o governo resolvera tomar de assalto a ilha das Cobras.

O Exército, a Força Policia e demais corporações armadas estão derrogosa promptidão.

Quando se iniciou a revolta

O 2º tenente Antonio Alves Barata dormia no Batalhão Naval, quando ouviu uma gritaria infernal vinda das companhias.

Imediatamente, elle se levantou, armou-se e tomou um bote, indo saltar no caes das Mineiras.

Dali dirigiu-se ao 2º districto policial, onde se apresentou, muito pallido, contando o que occorreu.

Forte tiroteio

A 1 hora da madrugada, um forte tiroteio foi ouvido dos lados da ilha das Cobras.

No mar, a mesma coisa.

Os navios ingleses, ancorados no porto, trabalharam com os seus holofotes até alta madrugada.

Na Central de Policia

O chefe de policia tem pernoitado todas estas noites na Central.

Mais tres mortos?

Tres officiaes do Bahia não appareceram, segundo algumas versões. Dizia-se terem sido assassinados pelos revoltosos do Rio Grande do Sul.

No caes Pharoux

A 1 hora da madrugada chegou ao caes Pharoux a 1ª bateria do 1º regimento de artilheria montada, sob o commando do 1º tenente Raymundo Leão.

No palacio do Cattete

Logo que foi conhecida a noticia da nova revolta na Armada, começaram a affluir ao palacio do Cattete muitos politicos e pessoas influentes.

A pouco e pouco chegavam automoveis e partiam outros em direcção ao Arsenal de Marinha, que se tornou o foco de todas as atenções.

Um telegramma para o palacio

O commandante do couraçado São Paulo, capitão de fragata Sylviano de Moura, de bordo desse couraçado dirigiu ao marechal Hermes o seguinte telegramma:

"Continuamos fieis e obediétes ao governo. — Officiaes e guarnição."

Telegramma do "Minas"

De bordo do Minas o marechal Hermes recebeu o seguinte radio-telegramma.

"Conservamo-nos fieis ao governo. Tu do Calmo. Officiaes abandonaram o navio. Consta acharem-se a bordo do scout Rio Grande do Sul. — Guarnição."

Os officiaes

Ao circularem as tristes occorências da noite, começaram a chegar ao Arsenal de Marinha muitos officiaes, prontos a auxiliar o governo nas medidas tendentes a reprimir o movimento.

O ministro da Marinha

O contra-almirante Marques de Leão esteve em seu gabinete, seguindo logo depois para o palacio do Cattete, afim de conferenciar com o presidente da Republica.

O soldado Piará

E' chefe das praças revoltadas na ilha das Cobras o soldado Piará, homem destemido e de certo prestigio entre os seus camaradas.

O Mercado Novo

A 11 1/2 da noite botes diversos atracaram no caes do Mercado Novo, delles saltando muitos marinheiros.

A policia, logo que soube desse facto, fez seguir para o local uma numerosa força, que prendeu muitos delles.

Declarações do mestre de uma barca

A 1.30 da madrugada esteve na policia maritima o mestre da barca da Cantareira Visconde de Moraes, chegado de Niteroiy áquella hora.

Declaram estes que absolutamente nada tinham com o movimento iniciado pelo Batalhão Naval, negando a elle qualquer solidariedade.

Nestas condições, acharam de bom alvitre retirar-se de bordo, para que não se lhes attribuisse qualquer facto mais grave ali, indo buscar o commandante Pereira Leite.

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Publicaremos 2ª edição

O Conselho e a obstrucção

A obstrucção que a maioria dos deputados do Districto Federal resolveu oppor á votação dos orçamentos, enquanto não fór pelo presidente da Republica resolvido o caso do Conselho Municipal, conquanto não seja uma medida regularmente parlamentar, é incontestavelmente um recurso de extrema defesa, de que usam aquellos deputados contra a prepotencia do governo, que mantem, ha quasi dois annos, um estado de coisas anarchico, uma situação falsa, insustentavel, perturbadora da administração do Districto.

Demais, que querem esses deputados? Que o governo se submeta aos decretos do poder judiciario, dos quaes não menos de quatro reconheceram a legitimidade do Conselho. Que desarpe para haver para o governo em proceder assim? Onde a sua capitulação e capitulação vergonhosa, com o que andam a metter em brios o marechal Hermes os interessados em mantel-o no desrespeito á lei e ás decisões judicias?

Vergonha é ao que assistimos, ha tanto tempo, aqui na capital da Republica, onde funciona o Conselho Municipal, com toda a regularidade, legisla e desempenhando todas as suas funções, quando o poder executivo municipal e o governo da Republica o consideram um ajuntamento ilicito.

Si, com effeito, para o governo o Conselho é um ajuntamento ilicito, por que o governo passado não o dissolveu e não mandou fechar o edificio em que funciona? Por que não o faz o governo actual? Por uma razão muito simples. Porque, quando o fizesse, o Supremo Tribunal Federal correria, ainda uma vez, a amparal-o, voltando o Conselho a funcionar no seu mesmo logar, sem que se animasse o governo a repetir um acto que seria uma nova violencia, e como tal encontraria ainda o correctivo do poder competente, instituindo para conter o executivo no seu arbitrio e chamal-o ao respeito da Constituição e das leis. E' por isto que, para a opinião, o Conselho actual é tão legítimo como qualquer outro que tem funcionado no edificio do antigo largo da Mãe do Bispo. Fora das rodas dominadas do estreito partidario do senador Augusto de Vasconcellos não ha quem ponha em duvida tal legitimidade.

O Mercado Novo

A 11 1/2 da noite botes diversos atracaram no caes do Mercado Novo, delles saltando muitos marinheiros.

A policia, logo que soube desse facto, fez seguir para o local uma numerosa força, que prendeu muitos delles.

Declarações do mestre de uma barca

A 1.30 da madrugada esteve na policia maritima o mestre da barca da Cantareira Visconde de Moraes, chegado de Niteroiy áquella hora.

Declaram estes que absolutamente nada tinham com o movimento iniciado pelo Batalhão Naval, negando a elle qualquer solidariedade.

Nestas condições, acharam de bom alvitre retirar-se de bordo, para que não se lhes attribuisse qualquer facto mais grave ali, indo buscar o commandante Pereira Leite.

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Publicaremos 2ª edição

O Conselho e a obstrucção

A obstrucção que a maioria dos deputados do Districto Federal resolveu oppor á votação dos orçamentos, enquanto não fór pelo presidente da Republica resolvido o caso do Conselho Municipal, conquanto não seja uma medida regularmente parlamentar, é incontestavelmente um recurso de extrema defesa, de que usam aquellos deputados contra a prepotencia do governo, que mantem, ha quasi dois annos, um estado de coisas anarchico, uma situação falsa, insustentavel, perturbadora da administração do Districto.

Demais, que querem esses deputados? Que o governo se submeta aos decretos do poder judiciario, dos quaes não menos de quatro reconheceram a legitimidade do Conselho. Que desarpe para haver para o governo em proceder assim? Onde a sua capitulação e capitulação vergonhosa, com o que andam a metter em brios o marechal Hermes os interessados em mantel-o no desrespeito á lei e ás decisões judicias?

Vergonha é ao que assistimos, ha tanto tempo, aqui na capital da Republica, onde funciona o Conselho Municipal, com toda a regularidade, legisla e desempenhando todas as suas funções, quando o poder executivo municipal e o governo da Republica o consideram um ajuntamento ilicito.

Si, com effeito, para o governo o Conselho é um ajuntamento ilicito, por que o governo passado não o dissolveu e não mandou fechar o edificio em que funciona? Por que não o faz o governo actual? Por uma razão muito simples. Porque, quando o fizesse, o Supremo Tribunal Federal correria, ainda uma vez, a amparal-o, voltando o Conselho a funcionar no seu mesmo logar, sem que se animasse o governo a repetir um acto que seria uma nova violencia, e como tal encontraria ainda o correctivo do poder competente, instituindo para conter o executivo no seu arbitrio e chamal-o ao respeito da Constituição e das leis. E' por isto que, para a opinião, o Conselho actual é tão legítimo como qualquer outro que tem funcionado no edificio do antigo largo da Mãe do Bispo. Fora das rodas dominadas do estreito partidario do senador Augusto de Vasconcellos não ha quem ponha em duvida tal legitimidade.

O Mercado Novo

A 11 1/2 da noite botes diversos atracaram no caes do Mercado Novo, delles saltando muitos marinheiros.

A policia, logo que soube desse facto, fez seguir para o local uma numerosa força, que prendeu muitos delles.

Declarações do mestre de uma barca

A 1.30 da madrugada esteve na policia maritima o mestre da barca da Cantareira Visconde de Moraes, chegado de Niteroiy áquella hora.

Declaram estes que absolutamente nada tinham com o movimento iniciado pelo Batalhão Naval, negando a elle qualquer solidariedade.

Nestas condições, acharam de bom alvitre retirar-se de bordo, para que não se lhes attribuisse qualquer facto mais grave ali, indo buscar o commandante Pereira Leite.

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Publicaremos 2ª edição

O Conselho e a obstrucção

A obstrucção que a maioria dos deputados do Districto Federal resolveu oppor á votação dos orçamentos, enquanto não fór pelo presidente da Republica resolvido o caso do Conselho Municipal, conquanto não seja uma medida regularmente parlamentar, é incontestavelmente um recurso de extrema defesa, de que usam aquellos deputados contra a prepotencia do governo, que mantem, ha quasi dois annos, um estado de coisas anarchico, uma situação falsa, insustentavel, perturbadora da administração do Districto.

Demais, que querem esses deputados? Que o governo se submeta aos decretos do poder judiciario, dos quaes não menos de quatro reconheceram a legitimidade do Conselho. Que desarpe para haver para o governo em proceder assim? Onde a sua capitulação e capitulação vergonhosa, com o que andam a metter em brios o marechal Hermes os interessados em mantel-o no desrespeito á lei e ás decisões judicias?

Vergonha é ao que assistimos, ha tanto tempo, aqui na capital da Republica, onde funciona o Conselho Municipal, com toda a regularidade, legisla e desempenhando todas as suas funções, quando o poder executivo municipal e o governo da Republica o consideram um ajuntamento ilicito.

Si, com effeito, para o governo o Conselho é um ajuntamento ilicito, por que o governo passado não o dissolveu e não mandou fechar o edificio em que funciona? Por que não o faz o governo actual? Por uma razão muito simples. Porque, quando o fizesse, o Supremo Tribunal Federal correria, ainda uma vez, a amparal-o, voltando o Conselho a funcionar no seu mesmo logar, sem que se animasse o governo a repetir um acto que seria uma nova violencia, e como tal encontraria ainda o correctivo do poder competente, instituindo para conter o executivo no seu arbitrio e chamal-o ao respeito da Constituição e das leis. E' por isto que, para a opinião, o Conselho actual é tão legítimo como qualquer outro que tem funcionado no edificio do antigo largo da Mãe do Bispo. Fora das rodas dominadas do estreito partidario do senador Augusto de Vasconcellos não ha quem ponha em duvida tal legitimidade.

O Mercado Novo

A 11 1/2 da noite botes diversos atracaram no caes do Mercado Novo, delles saltando muitos marinheiros.

A policia, logo que soube desse facto, fez seguir para o local uma numerosa força, que prendeu muitos delles.

Declarações do mestre de uma barca

A 1.30 da madrugada esteve na policia maritima o mestre da barca da Cantareira Visconde de Moraes, chegado de Niteroiy áquella hora.

Declaram estes que absolutamente nada tinham com o movimento iniciado pelo Batalhão Naval, negando a elle qualquer solidariedade.

Nestas condições, acharam de bom alvitre retirar-se de bordo, para que não se lhes attribuisse qualquer facto mais grave ali, indo buscar o commandante Pereira Leite.

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Publicaremos 2ª edição

O Conselho e a obstrucção

A obstrucção que a maioria dos deputados do Districto Federal resolveu oppor á votação dos orçamentos, enquanto não fór pelo presidente da Republica resolvido o caso do Conselho Municipal, conquanto não seja uma medida regularmente parlamentar, é incontestavelmente um recurso de extrema defesa, de que usam aquellos deputados contra a prepotencia do governo, que mantem, ha quasi dois annos, um estado de coisas anarchico, uma situação falsa, insustentavel, perturbadora da administração do Districto.

Demais, que querem esses deputados? Que o governo se submeta aos decretos do poder judiciario, dos quaes não menos de quatro reconheceram a legitimidade do Conselho. Que desarpe para haver para o governo em proceder assim? Onde a sua capitulação e capitulação vergonhosa, com o que andam a metter em brios o marechal Hermes os interessados em mantel-o no desrespeito á lei e ás decisões judicias?

Vergonha é ao que assistimos, ha tanto tempo, aqui na capital da Republica, onde funciona o Conselho Municipal, com toda a regularidade, legisla e desempenhando todas as suas funções, quando o poder executivo municipal e o governo da Republica o consideram um ajuntamento ilicito.

Si, com effeito, para o governo o Conselho é um ajuntamento ilicito, por que o governo passado não o dissolveu e não mandou fechar o edificio em que funciona? Por que não o faz o governo actual? Por uma razão muito simples. Porque, quando o fizesse, o Supremo Tribunal Federal correria, ainda uma vez, a amparal-o, voltando o Conselho a funcionar no seu mesmo logar, sem que se animasse o governo a repetir um acto que seria uma nova violencia, e como tal encontraria ainda o correctivo do poder competente, instituindo para conter o executivo no seu arbitrio e chamal-o ao respeito da Constituição e das leis. E' por isto que, para a opinião, o Conselho actual é tão legítimo como qualquer outro que tem funcionado no edificio do antigo largo da Mãe do Bispo. Fora das rodas dominadas do estreito partidario do senador Augusto de Vasconcellos não ha quem ponha em duvida tal legitimidade.

O Mercado Novo

A 11 1/2 da noite botes diversos atracaram no caes do Mercado Novo, delles saltando muitos marinheiros.

A policia, logo que soube desse facto, fez seguir para o local uma numerosa força, que prendeu muitos delles.

Declarações do mestre de uma barca

A 1.30 da madrugada esteve na policia maritima o mestre da barca da Cantareira Visconde de Moraes, chegado de Niteroiy áquella hora.

Declaram estes que absolutamente nada tinham com o movimento iniciado pelo Batalhão Naval, negando a elle qualquer solidariedade.

Nestas condições, acharam de bom alvitre retirar-se de bordo, para que não se lhes attribuisse qualquer facto mais grave ali, indo buscar o commandante Pereira Leite.

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

Queriam levá-lo para bordo, afim de que elle assumisse o commando do

O sr. Pinheiro... ditador!

Resolveu o dr. Seabra mandar lavar es-

A Previdência
100% e 150%, mediante o pagamento
sal de \$5 e \$500, por 10 e 15 annos.
Avenida Central n. 93

Do exmo. sr. marechal Hermes da Fonseca, jamais solicitei, até este momento, f

Uzae a tinta Sardinha, actual
melhor do nosso mercado

1º anno — Escripção de anatomia da cabeça, ás 2 horas p. m. — Todas inscriptas.
2º anno — Escripção de anatomia da boca, ás 2 horas p. m. — n. 40.
Turma supplementar — Do n. 4

DEBILIDADES — Consta-se a respeito de uma assembleia geral, realizada, às 7 1/2 horas da noite, sagem n. 161.

Pede-se a presença de todos, pois que é em continuação esta

Em sessão fulguradora da corrida em 8 do fluente, ao que nos consta penso por tres meses o Jockey P. por não haver disputado o pareo do vallo Tamandaré.

na realizada
ta, foi sus-
ablo Zabala,
com o cas

NOVOS E GRAVISSIMOS ACONTECIMENTOS NA MARINHA

Mais um levante de forças armadas

Secundando o "scout" "Rio Grande do Sul", o batalhão Naval subleva-se

Todos os demais navios da esquadra declaram-se fieis ao governo

Ha innumerables victimas do bombardeio

AS PROVIDENCIAS OFFICIAES

Um aspecto do littoral ás 3 horas da madrugada

Erão tres horas da manhã, quando corremos o littoral, de automovel. Outros velocissimos autos passavam, com uma rapidez delirante. Na Avenida, o primeiro encontro bellico: carrocinhas com munições e forças de infantaria e cavallaria da Força Policial. Nos passeios, gente surpresa, grupos cheios de gestos, onde se percebiam terríveis planos estrategicos. Seguíamos sempre. Num automovel, com o seu estado-maior, o general Menna Barreto, que inspecionava a zona. Estávamos quasi no mercado. Subito, aos nossos olhos surgiu uma movelha columna azul: era a Escola de Aprendizes Maritimos que tivera ordem de alojarse na Santa Casa de Misericordia. Os pobres pequenos iam assim, nos seus uniformes de zarte, numa marcha tropega e solitaria. O comandante acompanhava-os á paizana. Passámos pela columna azul. A praia de Santa Luzia estava deserta. Nos grandes portões do hospital, enfermeiros de aventais muito claros olhavam desconfiados para o mar salpicado de pontos luminosos e distantes. Numa curva, soldados conversavam apoiados ás carabinas. Retomámos a Avenida, em demanda do Ministerio da Marinha. Por todo o percurso, grupos em comentários e soldados em desfile. Perto de nós, passou, celer, um automovel com munições, e logo atrás, como um não presagio, o auto-ambulancia da Assistencia com um ferido.

— Cães dos Mineiros? perguntou o chauffeur, voltando-se.

— Sim, para o Ministerio da Marinha.

A Berliet acelerou a marcha; um pedestre imprudente, quasi pillado, recuou, num pulo tremendo; dois minutos após chegávamos.

A velha e cafreira rua de São Bento estava coalhada de tropa. Havia uma confusão atordante de uniformes. Um continuo retintim de espadas, vozes de mando, impacientes de alimarias feria-nos os ouvidos. Chegámos ao cães; no mar proximo, frouxamente, dançavam escaleres e botes. Os populares curiosos julgavam ouvir, a todo o momento, gritos subversivos, vindos da ilha das Cobras.

— Então, que ha? perguntámos a um naval, que tinha no braço masculo varias divisas vermelhas.

— Nada, moço. Ninguém quer de- pôr o seu marechal Hermes; o que os meus companheiros querem é descanso, porque desde a revolta dos reclamos- tes que não sabemos o que é descanso. Nunca mais tivemos um dia livre...

O mais é boato ou má vontade com a gente.

Uma escolta aproxima-se, o naval incorporou-se a ella. No saguão do ministerio, officiaes de policia davam ordens veladas. Nos portões, sentinelas do corpo de infantaria de marinha, immoveis, e com olhares obliquos para os policiaes proximos, suggeriam considerações sobre o momento.

Tentámos entrar. Um latagão im- monso, de bala e ares ferozes, cruzou a

arma, decidido. Recuámos, prudente- mente, até á rua. Na massa anonyma que estacionava defronte ao ministerio houve um reboliço.

— E' o ministro.

Olhámos. Um homem de capote es- curo passava gíngando, acompanhado de varias pessoas. Outros disseram que não era o ministro. Contradições...

— Tal qual como a noite cheia de incer- tezas, de affirmativas e negativas — a multidão que estacionava boquiaberta para o casarão verde do cães dos Mineiros...

A bordo do "scout" "Rio Grande do Sul"

Esse scout devia sair hontem á noiteinha para Santos, em vista dos successos pro- vocados pelos passageiros do *Amiral Pury*.

O comandante, capitão de fragata Max Frontin, tinha, porém, pedido a remoção de varios marinheiros suspeitos.

A noite, esteve a bordo o capitão-tenente Pereira da Cunha, do gabinete do ministro da Marinha, que ia dar ao comandante varias ordens do ministro.

Logo em seguida, o official Castro Me- nezes foi a bordo de varios navios apañar machistas e foguistas, afim de preencher os claros do *Rio Grande do Sul*.

A officialidade, suspeitando de um amea- ço de revolta, armou-se com carabinas, e o capitão-tenente Pereira da Cunha foi ao *Barroso*, afim de conseguir meios para suf- focar a rebellião, caso houvesse.

Na volta do capitão-tenente Pereira da Cunha, o comandante deu ordem para o desembarque dos marinheiros suspeitos, dando-se então a revolta.

A maruja gritava: "Não forma. Não forma".

O comandante Frontin e os officiaes correram para o tombadilho, refugiando-se á ré, e apançaram os marinheiros com as carabinas, conservando-os á distancia.

Entretanto, era no portão ferido o 1º tenente Carneiro da Cunha, que foi ainda com vida transportado para uma ambulancia juntamente com um medico e o capitão-tenente Pereira da Cunha, continuando a officialidade a manter á distancia os amotinados.

Pela madrugada conservavam-se ainda a bordo do *Rio Grande do Sul* o capitão de fragata Max Frontin, varios officiaes do scout e dos demais navios, protegidos por marinheiros fieis.

Até ás 3 horas desconhecía-se a sorte desses officiaes.

Pelas informações que tivemos, o coman- dante Max Frontin procurou alafiar a revolta, o que não conseguiu.

Na ilha das Cobras

As praças revoltadas estão ao norte da ilha, protegidas e a cavalleiro do Arsenal, dispondo da artilheria de desembarque e de toda a munição.

Confirma-se a noticia de que os sen- tenciados foram postos em liberdade.

Todos elles pegaram em armas e ajun- daram os amotinados, bem como os doc- tes que iam ter alta.

Commaneda essas praças o soldado Jo- suino Cardoso, vulgo *Piaba*.

Os primeiros ecos da revolta no mar

A's 11 horas da noite largou da Ponte Central, em Niterui, a barca *Visconde de Moraes*, sob a direcção do mestre Pedro. Pouco havia andado a barca, quando, ao defrontar com o *Rio Grande do Sul*, ouviu gritos de — pára! pára! — vindos de uma lancha que se aproximava. Como a barca trazia re- gular seguimento, não foi facil obede-

cer logo a tal ordem, motivo pelo qual o scout *Rio Grande* fez dois disparos de intimação.

Parou afinal a barca, que recebeu ordem de voltar, ordem que foi logo obedecida. Ouvia-se então que, de bordo do *Bahia* não havia o minimo signal de estar o navio guarnecido.

O *Minas* e o *São Paulo* estavam em acti- vidade, estando todavia o convés ar- mado para demora de porto. Em pos- tos minutos chegou o mestre a Niterui, communicando a seus chefes o que se passára durante a travessia bur- lada.

Explicaram-lhe então haver nova re- volta, desta vez a bordo do *Rio Gran- de*, revolta que ecoára no corpo de in- fanteria de marinha, sendo estudado um meio de desobedecer ás imposições do navio revoltado, mantendo as comu- nicações entre as duas cidades.

Mestre Pedro, que é um moço co- rajoso e intelligente, alvitrou passar com sua barca por entre os navios in- glezes, o que fez logo depois, conse- guindo fazer a travessia sem incidente algum.

Ao chegar á ponte do cães Pharoux foi mestre Pedro assediado pelos re- porters, aos quaes ministrou preciosas informações sobre os acontecimentos, informações que foram na maior parte publicadas em nossa primeira edição.

No Arsenal de Marinha

O "CORREIO DA MANHÃ" EN- TREVISTA UM OFFICIAL DA ARMADA

Erão tres horas da madrugada, quando nos dirigimos ao Arsenal de Marinha, á cata de esclarecimentos precisos sobre a causa e a realidade da revolta do Batalhão Naval.

Estávamos surpresos com o que já corria a respeito pelo centro da cidade, cujo movimento aumentava consideravelmente de minuto a minuto. Não podíamos com- preender a razão dessa nova rebellião, uma vez que parecia ella de um batalhão que foi sempre disciplinado e que ainda agora na revolta de 23 esteve ao lado do go- verno. Não podíamos, entretanto, duvidar, deante da verdade. Estávamos, de facto, ás voltas com outro movimento revolucio- nario.

A entrada do Arsenal, um soldado nos tolieu os passos, com um grito imperativo, dizendo:

— Tenha paciência. Estou cumprindo as ordens que recebi. O senhor não pode en- trar.

— Somos da imprensa.

— Seja de onde for. As ordens são ter- minantes. Aqui ninguém entra.

Pedimos então para falar a um official da Armada, no que fomos promptamente atendidos. Em breves palavras, expozemos os nossos desejos. Éramos do *Correio da Manhã* e estávamos em serviço. Cumpriram-nos levat-o a cabo. Destacados para o Ar- senal, tínhamos que cumprir o nosso dever.

Depois de muito custo, conseguimos, afinal, penetrar no pátio do Arsenal. Essa praça de guerra tinha então o aspecto de um verdadeiro formicário, ciro, estando a re- gorgitar de gente. Aqui e ali, em grupo, os nossos officiaes, já em grande numero,

commentavam o desenrolar dos aconteci- mentos.

— Estamos numa situação completamente anarchica. Tudo é de esperar, infelizmente.

— Na verdade, assim é! As coisas fi- cam cada vez mais sérias. Cada dia que passa é mais um passo para a desordem.

Logo que chegámos, tínhamos falar ao comandante Marques da Rocha. Infelizi- mente, não o conseguimos. Informaram-nos que esse official chegara da ilha das Co- bras muito agitado; negando-se, perempto- riamente, a attender qualquer pessoa. Não falava a ninguém.

Em vista disso, tivemos de abandonar os nossos planos, procurando outro camin- ho para obtermos as informações de que carecíamos. Chegamos então a alguns officiaes, com quem procuramos palestrar.

Um delles, muito gentil, prestou-se, cava- lheitosamente, a tomar em consideração o nosso apello, dando-nos, sobre os aconteci- mentos, notas e revelações interessantissi- mas.

— Já contávamos com isso? perguntámos- lhe.

— Perfeitamente, respondeu-nos o official. Ha já alguns dias que esperamos pela revolta do Batalhão Naval. Palamos mesmo, nesse sentido, preventivamente, ao comandante Marques da Rocha. S. s. não acreditava em tal possibilidade. Sorriu mal- icosamente e disse saber que não passava, o que corria, de um simples boato.

— Elle teve então conhecimento de tudo?

— Perfeitamente.

— E hontem? Que havia?

— Hontem estava tudo resolvido. Na ilha das Cobras não se falava noutra coisa. A proxima revolta era o assumpto do dia. O comandante Marques da Rocha teve sciencia de que a revolta rebentaria e con- tinuava a descer.

— Acha que o movimento podia ter sido evitado?

— A tanto não vou. Sobre esse ponto, ha de permitir que a minha discreção me leve o mais completo silencio. E' uma questão de bom senso. Acho que não posso, a esse respeito, emitir a minha opinião.

— Agora quer nos parecer que é tarde. O senhor já deixou transparecer claramente que...

— Que a revolta podia ter sido evi- tada?...

— Exactamente!

— Isso não. Não tire, de modo algum, essa conclusão das minhas palavras. Longe de mim tal pensamento. O comandante Marques não foi sino uma victima da bo- fa. Elle tinha a mais absoluta confiança nos soldados do Batalhão Naval. Dahi, não poder, sob todos os pontos de vista e de analyse, acreditar na possibilidade de um levante. Era, para elle, um verdadeiro im- possível.

— Nesse caso, deve estar assombrado com o que se deu.

— De perfeito accordo.

Esse official contou-nos, em seguida, o modo como estavam a presente revolta:

— O comandante Marques da Rocha dormia na ilha das Cobras. Cerca de 10 h. da manhã, foi acordado, nos seus aposen- tos, por uma commoção de marinheiros. Estes lhe expozeram então a situação, in- timando-o a que se retirasse da ilha im- mediatamente, sob pena de ser assassinado.

O comandante não se rendeu, afir- mando que não se entregaria, em hypothese alguma, tal pensamento. O comandante Marques não foi sino uma victima da bo- fa. Elle tinha a mais absoluta confiança nos soldados do Batalhão Naval. Dahi, não poder, sob todos os pontos de vista e de analyse, acreditar na possibilidade de um levante. Era, para elle, um verdadeiro im- possível.

Satisfeita, assim, a nossa curiosidade, deixámos o Arsenal ás 12 horas da madru- gada de hoje.

O movimento augmentava. As forças do Exército, muito garbadas, faziam evoluções.

A Força Policial chegava a milhares, mu- ltos e muitos commerciantes e populares apressavam seus negocios, ultimaram-nos e se foram indo daquelle ponto, excellente alvo ás balas dos revoltosos.

Quando lá chegou a nova de que o go- verno ordenara que se fizesse fogo ás 5 horas da manhã contra os revoltosos, mu- ltos e muitos commerciantes e populares apressavam seus negocios, ultimaram-nos e se foram indo daquelle ponto, excelente alvo ás balas dos revoltosos.

Outros mais corajosos ançavam pelo começo do tiro, para poderem gozar o espectáculo que lhes parecia surprehen- dente e novo: o tiro por forças de terra e por navios de guerra a um quartel collocado numa pittoresca ilha de nossa bella bahia.

Mas, esses mesmos se mostravam re- cessos das consequências que podia ter esse combate e em apoio nos seus temo- res lembravam a possibilidade de uma adhesão do Corpo de Marinheiros Na- cionaes.

O exercito, a policia e o Corpo de Bombeiros saem dos quarteis

A ilha das Cobras é bombar- deada, por terra e por mar

Os generaes Dantas e Menna Barreto feridos

DETALHES E INFORMAÇÕES

Bombardeio

O general Menna Barreto, de acor- do com o ministro da Marinha, resol- veu bombardear a ilha das Cobras, ás 5 horas da manhã.

Os amotinados dispõem de quatro bocas de fogo e a bateria, de desembar- que muito boa.

O plano assentado era o seguinte: O *Barroso* iniciaria o bombardeio, com a sua bateria ligeira, enquanto que as forças de terra operariam o assalto.

Para isso estão concentrados no Ar- senal de Marinha quasi tres mil ho- mens, entre praças de Bombeiros, Exército e policia.

Metade do Corpo de Bombeiros e outras forças partiriam da fortaleza de Villegagnon, ajudando as operações.

E, dada a acção conjunta de forças de terra e mar, esperava-se a rendição do batalhão.

O "scout" "Rio Grande"

A maruja sublevada do scout *Rio Grande* rendeu-se á officialidade que se achava armada, ávante do navio.

Ataque á ilha

Guarnecem o Arsenal 1.500 homens de policia e Exército.

O general Menna Barreto esteve no Ministerio da Marinha, indo depois combinar com o capitão de fragata Marques da Rocha o meio mais conve- niente de atacar a ilha.

O coronel Pessoa, da Força Policial, teve longa conferencia com o ministro da Marinha, que regressou ao Arsenal ás 3 horas da madrugada.

Commaneda as forças de policia o major Casimiro, estando o edificio cercado por uma grande força de ca- vallaria.

A pharmacia da Força está postada em frente ao edificio do ministerio.

Desembarque de marinheiros

Cerca das 3 horas da madrugada, nume- roso contingente de marinheiros effectuo desembarque no Arsenal de Marinha.

Vinhem J's da fortaleza de Villegagnon, ao que se suppe, para auxiliar as forças que deviam debellar a rebellião do Batalhão Naval.

Os navios ingleses

Dos navios pertencentes á esquadra in- gleza hontem entrada em nosso porto, so- um, o capitanea, se manteve completa- mente illuminado durante á noite. Ali, segun- do foi verificado por passageiros das bar- cas da Cantareira, as quaes alteraram seu itinerario, passando junto á esquadra in- gleza para se defenderem, havia completo movimento de toda a guarnição, expedi- do o capitanea frequentes ordens aos de- mais navios.

O capitanea da divisão inglesa estava inteiramente preparado, tendo até holo- photo access, sem comtudo fazer delle o menor uso.

Assaltos á ilha das Cobras

A's 3 horas da manhã subiu a avenida

Central o Corpo de Bombeiros, completa- mente armada e municiado.

Os valentes soldados empunhavam as suas machadinhas e ao que se dizia iam tomar de assalto a ilha das Cobras.

A policia maritima fechada

O chefe de policia determinou ao sub- inspector Bordini que fechasse o edificio da Policia Maritima, o que foi feito ás 3 horas da manhã.

Novo reforço

A's 4 e 15 uma bateria do regimento de artilheria tomou posições no largo do Paço.

O morro de S. Bento

A's 2 horas da manhã o governo man- dou artilhar os morros de S. Bento e Cas- tello.

Na Central do Brasil

Pouco depois de meia-noite, conhe- cida a rebellião e concertado o plano para rechaça-la, o ministro da Guerra requisitou da Central do Brasil varios trens especiaes para conduzir a esta capital as forças estacionadas em Cam- pinho, Realengo e Deodoro.

Ao mesmo tempo essas forças rece- biam ordem de marcha, afim de em- barcar nos pontos acima.

Os comboios que as conduziam eram esperados ás 4 1/2 horas da manhã, na estação Central, onde havia, a essa hora, regular numero de officiaes do Exército.

Defronte ao quartel general foram postadas vedetas, armadas de carabina.

No interior do mesmo quartel, além de officiaes do Exército, estavam offi- ciaes de Marinha, armados e em uni- forme de serviço. A principio, antes de nos ser possivel verificar que esses officiaes estavam armados, pareceu- nos verdadeiro o boato então corrente de que havia officiaes da Armada pre- s no referido departamento do Mi- nisterio da Guerra. Poucos minutos depois verificou-se, porém, ser de todo infundado esse apavorante boato, pois aquelles officiaes, que ali estavam no cumprimento do seu dever, saíam com seus collegas do Exército para ir á es- tação da Central do Brasil.

Dos trens que foram buscar forças no suburbio, o segundo partiu ás 2 ho- ras e 10 da madrugada, afim de con- duzir para a cidade o 5º regimento de artilheria, aquartellado no Campinho. Compunha-se o comboio de tres car- ros para passageiros, duas pranchas para a condução da artilheria e tres carros para a condução de animais.

Marinheiros para a Força Policial

Depois de uma curta conferencia havida na sala dos despachos, entre o marechal Hermes, o dr. Rivadávia Corrêa, ministro da Justiça, e o coronel Pessoa, coman- dante da Força Policial, esse official de- terminou que todos os marinheiros que fossem encontrados na cidade seguissem acompanhados para o quartel da Força Po- licial.

Essa medida foi tomada pelo governo para que a marinhagem não se envolvesse em conflictos.

No palacio

Achavam-se presentes ao palacio do Cattede quando lá chegaram os srs.: Germano Hasslocher, Pereira Braga, senador Feres Ferreira, dr. Thomas Del- phino, dr. Osorio de Almeida Filho, ma- rechal Barbosa, comandante da Guarda Nacional, dr. Rivadávia Corrêa, coronel Pessoa, comandante da Força Policial; officiaes do 52º batalhão de caçadores, dr. Theodoro de Almeida, maior Zoroastro Cunha, dr. Andrade e Silva, Paulo Hass- locher, dr. J. J. Seabra, dr. Moniz de Aragão, officiaes do Exército, Marinha, Força Policial e outros.

O ministro da Viação

O primeiro membro do ministerio a comparecer ao palacio foi o sr. J. J. Seabra, ministro da Viação.

Logo que s. ex. entrou, o marechal Hermes conduziu-o á sala do secreta- rio da presidencia, onde teve com o dr. Seabra demorada conferencia.

Quando saiu dessa sala, o marechal Hermes declarou a varias pessoas ter esperança de ver a revolta terminada pela manhã de hoje.

A guarda nacional

Pouco depois de 1 hora da manhã, che- gou ao palacio do Cattede, onde se foi apresentar ao marechal Hermes da Fonseca, presidente da Republica, o marechal Barbosa, comandante superior da Guarda Na- cional, acompanhado de seus ajudantes de ordens.

S. ex. conservou-se na sala de despachos, a conversar com diversos politicos, durante largo espaço de tempo.

As casas civil e militar

A's 2 horas da manhã estavam em palacio todos os membros das casas civil e militar da presidencia da Re- publica.

O dr. Alvaro Teffé dirigia, auxi- liado pelo dr. Mauricio de Lacerda, todo o serviço de secretaria do pala- cio.

Os ajudantes de ordens da presi- dencia transmittiam por telephone, a todo momento, ordens do governo para os ministerios da Guerra e da Marinha e para a Força Policial.

O corpo de bombeiros

A monotonía reinante na rua da Assem- bleia foi quebrada, ás 3 1/2 horas da ma- dagrada, pela marcha ruidosa de um co- rpo que se dirigia para o cães Pharoux.

Era o Corpo de Bombeiros, que, muni- cado e embaldado, ia reunir-se ás forças organizadas para debellar o movimento revoltoso do Batalhão Naval.

A causa da revolta

A revolta do Batalhão Naval é uma nova edição da anterior, levada a effeito pelo *Minas Geraes*, S. Paulo, Deodoro e Bahia.

As praças amotinadas do Batalhão Naval declaram que não desejam mais que a substituição da actual official- dade daquelle corpo, que, allegam, con- tinúa a usar ali dos rigores da chibata.

E' essa a unica allegação que fazem.

O BOMBARDEIO

A's 4 horas da manhã não se sabia ainda, ao certo, quão eram as intenções do governo, si reagir ao romper da manhã, si esperar que, arrependidos, os soldados do Batalhão Naval se rendessem. E essa dúvida começou a encher de pavor o povo, que em massa circulava pelas ruas, á espera de novas mais minuciosas.

O certo é que ás 4 e meia, um novo reforço de artilharia passou pela Avenida, forças de cavallaria se encaminhavam para o cás, enquanto que, no Arsenal de Marinha, o Corpo de Bombeiros e outras forças armadas tomavam posições.

A's 4 e meia, um automovel parou na esquina da rua da Assembléa. Delle saltou o general Dantas Barreto, que acudiu a um signal de um deputado.

— Então, pergunta-lhe este — quando começa?

— Que? O bombardeio?

— Sim.

— A's cinco e meia em ponto. Essa é a ordem do governo.

E, efectivamente, as forças que guarneciam o cás Pharoix romperam fogo cerrado contra a ilha das Cobras.

Começou pelas ruas uma correria louca, senhoras que viajavam em bondes choravam, aterrorizadas.

Os revoltosos estavam como que esperando este ataque e responderam vivamente.

Fuzilaria renhida, as balas sibillavam, indo encavar nas pedras de ruas próximas.

O largo, já então repleto de gente, ficou só occupado pelas forças.

Da ilha, o tiroeiro era mais cerrado, porque era todo elle de metralhadoras.

Os canhões respondiam ao ataque de terra e as granadas iam explodir, ora no morro de Castello, ora nas immedições.

Um nosso reporter percorreu todo o trecho occupado pelas forças e no morro de Castello, onde subia, afim de colher impressões, e escapou milagrosamente do estilhão de uma granada, que caiu a poucos passos de distancia.

Via-se lá pouca gente. Nas ruas da Misericórdia, S. José, boccos da Musica, Batalha e adjacencias, o povo espreitava a medo, indagando curioso o que era aquillo.

A's 5 horas da manhã uma granada explodiu na policia maritima, inutilizando duas paredes.

Tragicos effeitos de uma granada

Tres mortos e varios feridos

Numeroso grupo de populares estacionava, ás 6 horas da manhã, junto ao Ministerio da Vição, quando allí explodiu uma granada. Tres pobres honras rolaram sem vida e dois outros gravemente feridos.

A Assistencia acudiu promptamente, fazendo remover os corpos para o Necrotério e medicando os feridos.

São estes Achillea Brancos, vendedor de verduras, com uma bala no ventre, e o cabo da Força Policia, Carlos Graça Aranha, com uma perna esfrangalhada por um estilhão.

Outra granada explodiu na rua Clapp, matando nem ferindo ninguém.

O hospital de marinha

No Hospital de Marinha, situado na ilha das Cobras, ha, segundo nos informam, perto de trezentos doentes que os reuclies declaramos respeitar.

O medico que está nesse hospital é o dr. Naylor, acompanhando de varios internos, estudantes de medicina, e o de dia ao Batalhão Naval é o dr. Alreu.

Os sentenciados militares

Os presos sentenciados, enclausurados nos calabouços da ilha das Cobras são em numero de 120 ou 130, pouco mais ou menos, e nos qües foi dada liberdade, depois do que foram sentenciados e armados convenientemente, sendo aproveitados para a resistencia que, segundo dizem os amotinados, seria feita á ultima.

Para conseguirem libertar os calabouços esses presos apoderaram-se os autolindos de alavancas, com as quaes arrombaram as portas, visto não ter sido encontradas as chaves, que foram levadas pelo carcereiro, a quem mal chegou a sedição.

Um reporter do "Correio da Manhã" percorre a cidade durante o bombardeio.

Como estivesse marcado o bombardeio para ás 5 horas da manhã, dirigimo-nos, nessa occasião para a policia Maritima. Allí estava reunida muita gente, ancioso pelo momento decisivo do combate, a hora em que a arma se bateria, contra a ilha das Cobras, por ordem do governo, as forças de terra e mar, que lhe estavam fiéis.

Erão precisamente cinco horas quando foi iniciado o bombardeio.

Foi a artilharia postada no morro de S. Bento a primeira a atirar.

Da ilha das Cobras responderam immediatamente, com dois tiros de canhão revolver, que passaram zunindo sinistramente sobre a cidade. No momento era impossível saber onde teriam caído.

O pânico estabeleceu-se logo, de um modo quasi indescriptivel, impressionando duramente todos os transeuntes, que corriam espavoridos.

Dentro de dois minutos, estava cerrado o bombardeio. A situação definia-se. O governo atacava pela artilharia do cás Pharoix e os revoltosos respondiam-lhe com metralhadoras, da ilha das Cobras.

A seguir, os tiros ecoavam fragorosa-mente no morro de Castello. Por ter a cidade ouvida-se o terrível tor bellante dos canhões. O espectáculo era desolador. As mulheres gritavam agudamente, entre tics hystericos e crises de nervos; as crianças choravam, assombradas, tomadas de um atordoamento subito; os homens interrogavam-se mudamente, cheios de espanto e de terror.

De um lado, a bravura dos combatentes; de outro (sarcastico contraste!) o medo da morte!

Tal era o aspecto da cidade durante o inicio do bombardeio. Dentro, porém, de meia hora, estavam desertas as ruas. De raro em raro, uma cabeça curiosa animava-se a apparecer numa janella.

Cerca de seis horas da manhã, os navios da esquadra começaram a fazer as primeiras evoluções.

O *Yumbira* e o *Barroso* tomaram a dianteira. O tiroceto continuava mais forte.

Asse tempo, a policia Maritima era attingida por tres granadas, enquanto uma outra estourava na Cantareira.

O pânico augmentou então.

Pelas ruas, de quando em quando, o passo acelerado, muitos pallidos, quasi brancos de terror, deslizavam ligeiros, vestidos femininos. Os vendedores de jornaes, os galfandeiros corriam; não havia quem não corresse.

A resistencia, por parte dos revoltosos, era feroz! Mas nem assim esmoreciam as tropas do governo. A força do cás Pharoix, com disparos successivos, conseguia, na ilha, fazer estragos terríveis!

Pouco depois de seis horas, deixamos o littoral, percorrendo as ruas centras da cidade. O commercio estava todo fechado.

Na Avenida, não passava um só carro, um só automovel que fosse! Por tudo, ecoavam, cada vez mais sinistros, os disparos roucos dos canhões, os ruidos rimbros das metralhadoras, os tiros violentos das forças de terra!

A nota comica

A nota comica nos mais tristes momentos sempre apparece. Assim é que hoje, quando do Mercado Novo toda uma legião de peixeiros e quitandeiros corria ruas de S. José e Assembléa acima, fugindo ás balas, o povo que também fugia deu boas e estrepitosas gargalhadas.

Os quitandeiros, curvados ao peso da hortalia que enchia os baldios, deixavam-na cair sem olhar para traz. E si alguns dos que também corriam ajuntava o legume ao chão, mais elles se entusiasmavam na corrida.

Um delles deixou cair o chapéu e como gritassem avisando berrou indignado:

— Que Importa!

Era um pobre ilhéu, já entrado em annos.

Um popular, querendo trepar em uma carroça da limpeza publica, na Avenida, escoregou, caiu e, apesar de fazer cara feia, cheio de fôres, não desanimou em seguir a corrida dos outros populares.

Pois a vida não faltou. Aquelles que corriam continuavam a faz-lo, por prudencia, é de crer, mas correndo mesmo viaaram o pobre homem que caíra da carroça.

O general Menna Barreto é ferido

Quando, pela manhã de hoje, cerca de 6 horas, dirigia do cás Pharoix o bombardeio das forças do Exército contra o quartel de infantaria de marinha, na ilha das Cobras, o general Menna Barreto foi ferido.

Dirigia-se, s. ex. para um grupo de officiaes, afim de dar uma ordem, quando se sentiu ferido.

Diversos officiaes correram e seguraram-no, transportando-o com a maxima presteza para um local ao abrigo das balas.

Solicitados os serviços da Assistencia Municipal, esta promptamente compareceu, enviando um de seus medicos no auto-ambulancia de soccorro.

O ferimento do general Menna Barreto recebeu assim os primeiros curativos.

Logo depois de ultimado o curativo foi s. ex. transportado para o quartel geral, de onde foi pouco tempo depois removido para o Hospital Central do Exército.

Acompanharam-no até o hospital diversos officiaes.

Reforço

A's 6 1/2 o cás Pharoix foi reforçado com mais uma bateria de Krupp 7 1/2 do 1º regimento de artilharia.

Transporte de feridos

O transporte dos feridos para a Santa Casa de Misericórdia está sendo feito por populares, em macas improvisadas.

No morro de Castello

É indescriptivel o que se passou no morro de Castello, logo que foi iniciado o bombardeio. Não se pôde calcular o pânico, o terror que causaram os primeiros estampidos, os prodromos desta triste e lamentável luta da manhã de hoje.

As famílias, geraticulas pobres, que habitam os cascos amontoados na collina, fugiram de casa nos trajes em que se achavam.

Muitas esparvidas, com uma simples canisa de cambira e uma saia branca, seus desmudos, braços alvados a implorar clemencia dos céus, corriam em todas as direções.

Scilicet carregando crianças de pouca idade, algumas de mezes, cujos vagidos se ouviam aos gritos de seus progenitores, que premeiam ao collo seus filhinhos, eram vistas em trajes cascos.

Uma delles, bem no alto da morro, pallida, com a cabeça encostada na parede, levantara os olhos ao céu, e os gritos de *Acudid, meu Deus, Senhor Jesus Christo!* chorava.

Homens abandonados suas famílias, esparvidos, abandonados, pois o bombardeio ainda os apallava na cama, significavam o que havia, com uma anciedade paralisante. E, ao terem as primeiras noticias, pediam, entes que lhes eram caros, afflicto, a pedir preza para a fuga.

Era essa a scena que apresentava o morro em todas as suas ruas estreitas e povoadas.

Fôla fadada que dá para a rua do Carmo, pelo caminho que vai ter aos fundos da Bibliotheca Nacional, uma onda de populares, homens, mulheres, moçollos, crianças, corria desabandada, fugindo do morro de Castello, que já servia de alvo aos marinheiros revoltados.

Fô foi esse o caso horrível que nós presenciámos hoje, ao ser iniciado o bombardeio contra a ilha das Cobras, do alto do morro de Castello.

Uma granada explode no Mercado Novo

A's 6 horas uma granada explodiu no pavilhão central do Mercado, causando grandes prejuizos.

Outra explode e mata um homem na casa Catta Preta.

Pouco depois, uma outra explodiu na antiga casa de saúde do dr. Catta Preta,

no quarto occupado pelos sr's. João Evangelista de Almeida e Valentim Alves Pereira.

Aquelle morreu em consequencia de um estilhão, escapando illeso este.

O cadáver do sr. Almeida ficou ali mesmo depositado, devendo ser logo mais removido para o Necrotério.

Era elle de nacionalidade brasileira, natural da Bahia e contava 70 annos de idade.

Mais um ferido

Chama-se este Lourenço de Araújo Lima, português, de 21 annos, morador á rua Sapucaia 157, empregado na Companhia Telephonica, com o braço partido por estilhão de bala.

O contra-almirante Furtado de Mendonça

Em companhia do capitão de fragata Adelino Martins, o contra-almirante Furtado de Mendonça tomou, á meia-noite, uma lancha, em Niterói, dirigindo-se para o Commando Geral das Torpedeiras.

O primeiro radiogramma

A estação radio-telegraphica da ilha das Cobras passou para o contrahante *Ilhas Geras* este telegrama, que foi o annunciante do movimento á maruja daquelle contrahante.

«Precisamos auxilio. O Exército está contra nós. Querem abollar couraçados. Soccorro. Esperamos resposta sem falta. — Batalhão Naval.»

O commandante Pereira Leite

O capitão de mar e guerra Pereira Leite, em companhia de seu ajudante de ordens, seguiu para bordo do *Ilhas Geras* ás 2 horas da madrugada.

O exodo

É um espectáculo profundamente contristador o que presenciámos neste angustioso momento.

São famílias e famílias, surpreendidas pela terrível situação que nos enche de vergonha e dor. O que estamos vendo é uma delbandada, uma fuga atarrantada dos que se querem por á salvo das granadas e balas. Senhoras e senhoritas, homens e crianças, sobramos, emburrados, o indispensavel de que conseguiram, no momento do pânico, lançar mão.

Nas proximidades do littoral, morros do Castello, São Bento, e ruas próximas ao ponto convulsivo, o exodo toma as proporções de uma indisciplinada calamidade.

Os canhões troam, incessantes, ha toques continuos de clarins, toda a movimentação pittoresca e febril de combate se desenrola, celeremente. Por toda a cidade ha um indefinível ar de terror e ansia, que quasi toa ao desvario.

Ha feridos e mortos — e isso augmenta o pânico dos que ainda se encontram ao alcance dos projectis.

Uma bala de grosso calibre cõe na rua do Ovidor

A's 7 1/2 horas precisas uma bala de grosso calibre caiu na rua do Ovidor, esquina do largo de S. Francisco.

A bala, que bateu nos altos do predio, cujo pavimento terreo é occupado pela charutaria Havaneza, caiu no meio da rua, não tendo felizmente causado ferimento algum.

Muitos populares correram para apañar os estilhaços, tendo o academico Danilo Armond apañado um delles, pensando seguramente uns quinze kilos.

Esse estilhão nos foi entregue por esse moço e está em exposição em nossa redacção.

Na Avenida

A's 8 horas da manhã uma bala de grosso calibre fôu a parede da casa Cunha & Guimarães, jogando muita calada.

Essa bala, depois de atravessar aquella predio, que é de construcção recente, explodiu, desfazendo-se o braço de um meço, que passava pela Avenida, no trecho comprehendido entre a rua do Ovidor e São de Setembro, decaando-lhe pelo terço superior.

Esse menor foi soccorrido por muitos populares e medicado pela Assistencia.

O "Correio da Manhã", da policia Maritima, observa o bombardeio no mar

Pelas 7 horas, mais ou menos, os navios de guerra deram inicio ao bombardeio contra a ilha das Cobras. Os primeiros a atirar foram os couraçados *Depredador* e *Almas Geras* e os cruzadores *Barroso* e *Yumbira*.

Erão consideráveis os estragos já feitos em diversos edificios da ilha das Cobras, produzidos pelos disparos de artilharia.

O *Barroso* e o *Yumbira* faziam disparos successivos, ao mesmo tempo que se moviam na bahia.

Os revoltosos, que, num dos mastros da ilha, içaram a bandeira encarnada — symbolo de revolta — retiraram-na por essa occasião. Minutos depois, porém, ergueram-na de novo.

A esquadra ingleza, ancorada na bahia, desde hontem, occupava a ilha, os mesmos postos, entre os nossos navios de guerra, absolutamente impassivel.

Os *destroyers* moviam-se sem descanço, auxiliando os navios atacantes.

Na policia Maritima estavam então poucas pessoas. Entre ellas, destacamos o capitão Estellia Werner, o sub-inspector Julio Bailly, os sr's. Francisco Martins dos Santos e Manoel de Almeida, o guarda civil Cronieck e o nosso companheiro José Cordeiro.

Estavam feridas varias pessoas, entre as quaes o capitão alumnio do Collegio Militar Tiburcio Freire Dias, o sr. Elidoro Monteiro e o guarda civil Cronieck, todos attingidos por estilhaços de granada.

A fortaleza de Villegagnon

A's 8 horas da manhã, a fortaleza de Villegagnon entrou em acção, auxiliando os navios que bombardeavam a ilha das Cobras.

Com seus canhões de grosso calibre, a guarnição daquelle ilha começou a

fazer disparos contra o Batalhão Naval.

Sua guarnição foi reforçada com um contingente para ali levado pelo *destroyer* n. 2.

A esquadra ingleza

A esquadra ingleza, ora surta em nosso porto, tem prestado relevantes serviços ao governo.

Diversas vedetas foram postas á disposição do governo, entregando-se a ellas baldios de remocão de feridos e transporte de marinheiros, fôis ao governo.

Avarias na ilha das Cobras

A ilha das Cobras está muitissimo avariada. A torre está em ruinas, bem como varias edificações ali existentes.

Atropelado pelo automovel da Marinha

Na rua Larga, o automovel do Ministerio da Marinha apañou um transeunte, matando-o instantaneamente.

Uma granada cõe na rua Conselheiro Saraiva

Uma granada caiu na rua Conselheiro Saraiva, cõe a casa de S. Bento, não produzindo, ao que nos consta, prejuizo algum.

A ilha das Cobras emudece

A's 7 3/4 da manhã, o couraçado *Depredador* aproximou-se muito da ilha das Cobras, fazendo consecutivos e certos disparos com artilharia de grosso calibre.

Fôis tido o tiroceto contra o quartel do Batalhão Naval, que, desde ás 7 3/4 até ás 8 1/2, aquele corpo não fez um unico disparo, quando estava bombardeando sem cessar.

General Dantas Barreto ferido

O ministro da Guerra, general Dantas Barreto, foi pela manhã, ferido em uma perna, quando assistia ao bombardeio, no cás Pharoix, no mesmo local em que também foi ferido o general Menna Barreto.

O titular da pasta da Guerra foi retirado do cás Pharoix, em um automovel.

Varias notas

Foram recolhidos ao quartel geral marinheiros das guarnições de diversos navios.

O dia de hontem no Senado

A sessão foi presidida pelo sr. Quintino Bocayua.

Constatou o expediente de um officio do ministro do Supremo Tribunal, H. Espírito Santo, communicando ter assumido a presidencia da sessão.

Na ordem do dia, havendo numero, procedeu-se ás votações.

Foram approvados em 2º discussão os projectos concedendo honras, ao juiz da Corte de Apellação, dr. Athanazio Pariza, ao dr. João Pedro Barreto, inspector municipal, a Nicoláo F. dos Santos, secretario do Serviço do Povoamento do São; aos juizes da Corte de Apellação Candido Tavares Bastos e Nestor Meira; e ao dr. Pedro Severino de Magalhães, lente cathedra da Escola de Medicina.

Fô approvada, em segunda discussão, a proposição da Camara, que manda relevar os herdeiros de Henrique José Gomes da responsabilidade e pagamento da importância de 265.475\$, remetida pela Delegacia Fiscal do Theatro, na Parahyba, e fornada pelo fidei Theophilo José Gomes.

Fô approvada, em segunda discussão, a proposição que autoriza o presidente da Republica a alirar ao Ministerio da Vição o credito de 470.000\$, supplementar á verba de 3º senador Castro Pinto requerer que essa proposição figure na ordem do dia de hoje.

O sr. Lauro Sodré requereu que o projecto sobre a reorganização da Fabrica de Cartuchos figure na ordem do dia de hoje.

Não houve mais votações de numero e a sessão terminou nas votações de que constava a longa materia da ordem do dia.

Antes de terminarem as votações, verificou-se a falta de numero, o que obrigou o presidente a dar por encerrada a sessão.

DIA SOCIAL

DATAS INTIMAS

Heitor Modesto, nosso prezado collega da Folha do Dia, fez annos honrosos. Heitor Modesto é um dos mais sympathicos rapazes de imprensa, e sempre se mostrou pelo seu senso e pela sua capacidade de trabalho, e a quem a Folha do Dia muito deve. Seus amigos offereceram-lhe uma calorosa manifestação de apreço.

Rosa, a palme filhinha do nosso estimado companheiro de redacção Costa Rego faz annos hoje. É isso mesmo bem forte para quem já fez annos de 20 e mais.

Passa hoje o aniversario do sr. Ernesto Simões, estimado e activo funcionario do Lloyd Brasileiro. Em sua vida, no Lloyd Brasileiro, reuniram-se diversas famílias desta cidade, uma sobre dadas, até á madrugada.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Frederico Salustiano dos Reis. O sr. Frederico Salustiano dos Reis é um velho amigo da Folha do Dia.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

Passa hoje o aniversario natiçio do sr. Manoel Pôrto, estimado desportista da Alameda.

matrê de Santa Anna, o enface matrimonial do qual se encontra a filha de S. E. o sr. Albino Ferreira, activo funcionario do Correio Geral.

Foram paralympicos o commandador Cunha e Vasconcellos e sua esposa.

CONCERTOS

O Instituto Nacional de Musica dará amanhã, ás 2 1/2 horas da tarde, no theatro Municipal, o 3º concerto symphonico.

O Instituto Nacional de Musica realia amanhã, ás 2 1/2 horas da tarde, no theatro Municipal, o 3º concerto symphonico.

CLUBS E FESTAS

CENTRO INTERNACIONAL — No theatro do Centro Cultural, realia-se amanhã um magnifico espectáculo em beneficio do Centro Internacional, sociedade instructiva dos caixeiros de hotéis e restaurantes.

Constitui o Instituto programma a representação do emocionante drama de Pedro Gori, *Primeira de Mayo*, e a comedia, *Quêta valia la rosa*.

CLUB WALDEMAR — Essa sociedade leva a effeito, hoje, mais um dos seus apreciados espectáculos, em que toma parte o seu corpo scenico constituido de jovens e honrosos, que conquista sempre e sempre entusiasmados applausos.

CLUB DOS ENIGMATAS — A partida mensal desse club realia-se hoje. Para esse jogo, que certamente será optima, fôis offerecido delicado convite pela directoria dos Enigmatas.

SOCIEDADES CARNAVALESCAS

FENIANOS — Comemorando a data do seu 4º aniversario de fundação, esse club carnavalesco, que tem a sua sede á travessa Flor, realia, hoje, um majestoso e archaico baile.

Os salões do Polior, foram completamente reformados, illuminados e enfeitados.

CLUBS E FESTAS

CLUB DOS ENIGMATAS — A partida mensal desse club realia-se hoje. Para esse jogo, que certamente será optima, fôis offerecido delicado convite pela directoria dos Enigmatas.

SOCIEDADES CARNAVALESCAS

FENIANOS — Comemorando a data do seu 4º aniversario de fundação, esse club carnavalesco, que tem a sua sede á travessa Flor, realia, hoje, um majestoso e archaico baile.